

Alves Redol

Teatro I

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA



obras de Alves Redol

romances

Gaibéus
Marés
Avieiros
Fanga
Os Reineiros (a editar)
Anúncio
Porto Manso
Olhos de Água
A Barca dos Sete Lemes
Uma Fenda na Muralha
O Cavallo Espantado
Barranco de Cegos

ciclo port-wine

Horizonte Cerrado
Os Homens e as Sombras
Vindima de Sangue

contos

Nasci com Passaporte de Turista
Espólio
O Comboio das Seis (em *Contos e Novelas*)
Noite Esquecida
Constantino, Guardador de Vacas e de Sonhos
Histórias Afluentes

literatura infantil

A Vida Mágica da Sementinha

teatro I

Maria Emilia — 1 acto
Forja — 3 actos

estudos

Glória — *Uma Aldeia do Ribatejo*
Ribatejo (em *Portugal Maravilhoso*)
A França — *Da República à Renascença*
Cancioneiro do Ribatejo
Romanceiro Geral do Povo Português (em publicação)

conferência

Le roman du Tage
(edição da União Française Universitaire — Paris)

Alves Redol

TEATRO I

FORJA — 3 actos. *MARIA EMILIA* — 1 acto

2.^a EDIÇÃO

ULFLO7100368



PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

*alguns apontamentos escritos ao sabor do im-
proviso para que ao improviso do leitor não
falte a achega do meu testemunho.*

Antes de abrir a cortina ou fazer subir o pano para a representação desta breve e minha primeira tentativa teatral, estática, quase sem acção exterior, assim concebida para que o público se concentre menos na movimentação, mas antes no que as personagens dizem, deverá descer um telão com este aviso:

Esta peça traduz em palavras as emoções e os sentimentos que as personagens, na realidade, só conseguem exprimir em silêncios, gestos e olhares que são linguagem depurada do sofrimento.

Telão ou voz entre bastidores, o aviso convém para que os espectadores entrem imediatamente no jogo da representação, evitando-se que caiam em perplexidades ao escutarem gente da beira-rio numa linguagem que não lhes é peculiar. Apesar disso, não vão encontrar uma peça romântica, embora alguns a possam confundir. Há da minha parte um gosto autêntico em ensinar a lèrem no povo aqueles que o julgam grosseiro ou incapaz de sentir certos momentos profundos que vivem em todos nós.

A uma linguagem naturalista preferi, pois, a palavra depurada, ou até convulsiva de lirismo, que me pareceu

mais de acordo com os que povoam a peça. Um certo realismo mágico num dialogar de almas parece-me forma correcta de exprimir o que pretendi.

Conheci esta gente muito de perto, amei-a na infância e acabei por recriá-la há vinte anos. Volto agora ao seu convívio, sentindo-a tanto, como da primeira vez, no meu próprio sangue. Reescrevi-a sem lhe alterar o carácter, embora contivesse certos desmandos verbais, espontâneos em mim no tempo em que a criei. Ficou igual e é diferente. Como eu próprio.

Para que ao encená-la não lhe deturpem a vivência, devem os homens de teatro, dispostos a servi-la, evitar localizá-la em demasia, embora eu tenha escrito que a acção se passa no cais de Vila Franca. Mas este é um apontamento afectivo, a que não me quis furtar, embora acabe por negá-lo. Assim tudo fica bem, ao que julgo.

É também errado dar às figuras qualquer sugestão que as compare aos avieiros, segundo indicação de Luís Francisco Rebello, velho e querido camarada, na Antologia de Teatro Português que publicou. Os barqueiros do Tejo são varinos, outra gente bem distinta da que descobri no meu romance sobre os vagabundos do rio. Não há uma só Maria Emília entre esses, embora haja mulheres para

amar o homem que lhes cabe por pendor do coração e convivência das famílias.

Maria Emília existiu, e nem sequer lhe mudei o nome. Era mulher alta, morena, livre de língua se a malquistavam, mas digna e altiva, bem falante, inteligente, que me habituei a admirar pela personalidade forte que guardava em si. Possuía voz grave e profunda, que a desgraça encheu de melancolia. Lembro-me dela desde menino. Nem nesse tempo desmereceu da ternura que sempre lhe dei a distância. E quando a descobri, já velha, a amimar como a um filho certo moço de sacco, mulato, que qualquer maré da vida atirou para Vila Franca, numa noite fria, senti-me obrigado a homenageá-la, tanto me perturbou esse mundo de humanidade que guardava ainda dentro de si, como um protesto contra todos nós, considerados homens de bem.

Quando um dia lhe disseram que eu escrevera esta peça e que a representavam em Lisboa, Maria Emília procurou falar-me para ter a certeza do que lhe contavam. Ao confirmar-lhe que a figura da minha peça era ela, Maria Emília tornou-se pálida, senti-a abalada, trémula, inquieta. Mal dominou a voz, perguntou-me porquê. Sim, por que razão escrevera eu sobre a sua vida? Disse-lhe

que a prezava e porquê, acrescentando o que me pareceu justo e digno dela.

A cena que se seguiu é das que nunca recordo sem lágrimas. Lágrimas molhadas, sim, não me confrange confessá-lo. Também ela me queimou as mãos com as suas, quando só deveria ter ólio para nos legar.

Entenda-se, porém, que não escrevi a sua biografia rigorosa. Mas a partir de agora este acto será a história da sua vida, aconteça o que acontecer. Maria Emília vai ficar viva por mais uns anos, e essa certeza consola-me.